TL 5697

NOTAS SOBRE A REUNIÃO DE 5/02/94 NO ESPAÇO "POR TIMOR"

PARA APRECIAÇÃO DAS V JORNADAS DE TIMOR DA UP E RECOLHA DE OPINIÕES SOBRE EVENTUAL REALIZAÇÃO DE UMAS VI JORNADAS

Intervenção de:

Gregório Henriques

Jornadas muito positivas. Timorenses, em termos políticos ou diplomáticos, têm pouca influência. A irradiação é muito pouca. As Jornadas produziram muitas publicações que servem como porta-voz do povo timorense.
Sobre as 6ªs Jornadas não me posso pronunciar. Talvez o Reitor da UP ou Prof. Barbedo possam fazê-lo. Primeiro porque é preciso considerar as questões monetárias. E depois é preciso saber se há pessoas dispostas a colaborar.
As Jornadas são muito positivas em termos políticos e culturais. Há pouca coisa escrita sobre Timor e as publicações das Jornadas são muito positivas para dar continuidade. E para podermos passar alguma coisa às gerações mais novas.

Pascoela Barreto

As últimas foram as únicas Jornadas em que participei. Achei importante a participação de professores estrangeiros e de convidados indonésios.
O facto de as pessoas serem obrigadas a apresentar um trabalho condiciona a participação dos timorenses. Constitui uma limitação. Estou convencida de que se não existir essa imposição aparecem mesmo assim comunicações.

Donaciano Gomes

Jornadas são importantes para a causa timorense. A participação de indonésios foi importante para divulgação da causa na Indonésia e na opinião pública internacional.
A obrigação da apresentação de textos condiciona a participação de timorenses.

Sr. Manuel Santos

Não quis opinar.

Zito Pereira

A apresentação de textos limita a participação dos timorenses e não só.
Pessoas querem participar, mas as comunicações só podem ser apresentadas pelo próprio ou por pessoa por ele indicada.
Pessoas que não têm tempo para apresentar comunicações deveriam poder participar mesmo assim.

Luísa Teotónio Pereira

Não estava cá na altura em que decorreram as últimas Jornadas. Preferia participar na discussão quando discutirmos o figurino de futuras Jornadas porque acho que ao longo das várias Jornadas temos vindo a acumular lições.

Padre Baptista

Jornadas foram marcadas sobretudo por contributo de professores. Foram importantes para a relação dos timorenses com gente de outros países e indonésios.
Foi importante para nós portugueses e timorenses aquilo que aprendemos sobre a Indonésia porque nos ajudou a perceber melhor a situação e formas de luta.

Coisas que falharam:

1° a ligação com a comunicação social (e nestas coisas não pode haver amadorismos).
2° A equipa era demasiado pesada. Seria necessário haver uma maior articulação entre aqueles que já tinham experiência e os outros.

Maria do Rosário Rodrigues

Sublinho os pontos positivos e negativos já referidos. Mas mesmo as coisas negativas fazem parte do processo histórico e foram importantes. Foi bom que acontecessem naquele local.
Parece-me que não pensámos muito no futuro. Por exemplo, a Sabrina e outros partiram com outra alma para a luta. Mas se calhar as pessoas estão a pedir textos e não sei se ficou alguma coisa organizada para lhes fornecer.

Luís Cardoso

Já falei com o Prof. Barbedo juntamente com outros elementos da representação conjunta. O Prof. Barbedo ficou desencantado com o meu discurso (na Sessão de Abertura) e manifestou-mo logo de seguida.
Penso que era dever dos timorenses intervirem sobre quaisquer questões em qualquer altura. O arrastamento das questões faz com que nunca se resolvam.
Jornadas foram muito profícuas, sobretudo no que diz respeito à Indonésia. Não só por causa da presença dos indonésios mas por causa das aulas, porque nós, timorenses, falamos muito sobre a Indonésia e desconhecemos muitas coisas sobre o país, o processo político, etc.

Rui Marques

Jornadas têm tipo um papel importante. Contribuição positiva para todos os aspectos da questão.
Foram cometidos erros tácticos. Deixou-se escorregar a situação para confrontos públicos entre timorenses. Quando isso sucede a causa de Timor perde em termos da opinião pública portuguesa.
Sei que as tensões têm de ser exteriorizadas mas é necessário escolher os momentos e escalonar prioridades.
O que se pretende não é um palco para uma catarse mas fazer algo para que a situação mude e para isso é necessária unidade. O que separa os timorenses deve ser secundário nesse processo. Mas foram os diferendos entre timorenses que foram "mediáticos".
Não se explorou, em termos de informação, a posição da Conferência Episcopal expressa no discurso de D. Januário nem foi utilizada a presença dos indonésios.
Houve falta de unidade e de rigor táctico por parte da comissão organizadora e dos timorenses.
Mas o papel das Jornadas tem sido fundamental porque se não tivessem existido estávamos todos mais pobres.
A dimensão da identidade cultural deve ser aprofundada. Não podemos continuar a passar pela realidade à vol d'oiseau. É necessário aprofundamento.
Preparar uma comunicação é um convite à participação. Se um grupo apresentar uma dança, uma refeição, etc., isso também pode ser participação e é igualmente importante.
A idéia das Jornadas é que as pessoas sejam convidadas a fazer uma reflexão.
As Jornadas deviam ser alargadas, sobretudo a portugueses.
Nos últimos 2-3 anos a adesão das pessoas à causa de Timor tem sido de tipo emotivo e isso esgota-se. É necessário "racionalizar" a questão. Não podemos continuar a pensar que temos a opinião pública do nosso lado só porque esta está emocionalmente envolvida.

Pascoela Barreto

Voltando à questão de se condicionar a participação dos timorenses à apresentação da comunicaç~es: - Não quero dizer que não se façam comunicações mas que isso não deve condicionar a participação.

Gregório Henriques

A questão de se fazerem outras Jornadas cabe à Universidade.
Quanto às intervenções notam-se as divisões. Mas as Jornadas funcionam como um pólo que atrai os timorenses que então começam a exteriorizar os seus sentimentos.

Se fosse um timorense a organizá-las outros não apareciam, e por aí fora.
Sugiro que os organizadores possam confrontar as suas idéias.

A. Barbedo

Comunicou aos presentes as opiniões dadas, por via telefónica, por Roque Rodrigues, Ramos Horta e Alíbilio Araújo.
Leu uma carta de João Carrascalão.
Referiu uma carta recebida e 2 professoras de Gaia, Teresa Leitão e Rosário Carvalha.
Fez referência à carta recebida de 6 presos políticos em Dili e que lhe foi enviada recentemente. Disse que embora prezasse muito a opinião de todos, a opinião dos que estavam presos a sofrer e a lutar em Timor era, para ele, a mais importante.

Wesceslau Santos

Já tinha expressado as suas críticas directamente ao Prof. Barbedo. As Jornadas estavam bem entregues à UP e ao Prof. Barbedo.
Qualquer iniciativa que tenha que ver com questões de Timor é positiva. Faço votos para que a organização continue com o Prof. Barbedo.

A. Barbedo

Os custos são uma questão que tem que ver com o Reitor da UP. Os custos globais foram de cerca de 19,000 contos (cerca de 10,000 só para viagens). A estadia no Estoril correspondeu a cerca de 25% do total.
Ainda há dívida de 5,000 contos mas está em vias de solução devido à acção concertada da UP, U. Coimbra, U. Católica e outras instituições.
Isto é importante para a causa porque se trata de universidades com prestígio e laços internacionais e o seu envolvimento poderá ter tradução em iniciativas internacionais futuras.
Quanto à questão da falha da comunicação social: foi falha da organização. Tinha previsto fazer várias coisas nesse campo mas problemas prementes (financeira e vistos de entrada para Indonésios) impediram-me de fazer qualquer outra coisa nos últimos 10 dias antes das Jornadas. Os contactos que queria fazer com a comunicação social não poderam ser feitos de todo.
Quanto à questão de disponibilidade das pessoas: não passa tudo só pela boa vontade, são necessários conhecimentos.
Quanto à questão mais importante que é as Jornadas não aparecerem publicamente como servindo para manifestações das divisões entre timorenses, quero dizer o seguinte: as 2ªs Jornadas surgiram na sequência da saída de Ramos Horta da Fretilin e de fricções com Abílio Araújo. Nessa altura as Jornadas serviram para atenuar tensões.
Para estas Jornadas pedi a ambos que tivessem conversas prévias para que se pudesse dar um sinal de unidade (digo unidade e não unanimidade) mas isso não aconteceu e as coisas acabaram por sair do meu controlo.
Se dirigentes timorenses querem que as Jornadas possam ter um espaço para confronto, esse espaço para confronto pode ser criado, mas acho que não é necessário que seja no quadro das Jornadas. Os timorenses devem ter fora próprios para isso. Não me parece que deva ser a UP e a solidariedade portuguesa a decidirem quando e onde os dirigentes se devem encontrar, salvo se isso tiver sido expressamente solicitado e a solicitação vier simultaneamente de diferentes correntes e grupos timorenses.
Os timorenses têm de encontrar espaço para dialogar entre si e para confrontar estratégias mais do que pessoas, mas isso é uma opinião que talvez eu não devesse exprimir aqui neste momento.
Relativamente a eventuais futuras Jornadas, e repetindo que não está ninguém neste sala com poder para tomar essa decisão, que cabe, afinal, ao Reitor da UP, tenho pensado num modelo para essas Jornadas e na criação de condições para debate entre os timorenses sem a crispação que Jornadas de ano a ano podem gerar:

- Fazer umas Jornadas que não ocorram num período de uma semana mas ao longo de vários meses para confronto de idéias com um ponto alto final com participação de estrangeiros.

O esquema em que pensei é o seguinte: envolver cada vez mais nas Jornadas não só a UP como a U. Coimbra e a U. Católica. São talvez as 3 universidades de maior prestígio em Portugal.

O timing das Jornadas tem que se articular com o timing político nacional. Por exemplo, os períodos de eleições não são convenientes porque se trata de uma questão nacional e não deve haver aproveitamentos partidários. Tendo em conta as diversas eleições, o período de Setembro de 94 a Junho 95 é o período sem eleições que poderia ser utilizado.
Porque para os professores universitários americanos é mais fácil virem em Julho, poderia talvez dar início oficial às Jornadas nessa altura na UP, apenas com professores americanos e eventualmente alguns indonésios.
A idéia seria começar no Porto porque é aí que está a entidade organizadora, mas trazê-los a Lisboa para contactos com a comunidade timorense.
Em Outubro, que é o início do ano escolar, haveria sessão de peso em Coimbra.
Entre Outubro de 94 e Março de 95 propunha que se fizessem 6-8 sessões separadas por intervalos de 2 a 3 semanas num espaço um pouco maior do que este (poderia ser o Padrão dos Descobrimentos). Nessas sessões haveria duas coisas:

1º um curso sobre Timor e a Indonésia que eu próprio asseguraria, eventualmente convidando especialistas. Abordaria a questão em termos históricos e políticos para que talvez no futuro os historiadores portugueses achem ridículo ter de ser um engenheiro mecânico a dar um curso de história e assim chamar a atenção dos meus colegas universitários dessas áreas que embora convidados têm primado pela ausência;

2º mais importante seria a apresentação de comunicações (por exemplo nas tardes de sábado); se as comunicações temáticas dos timorenses se diluirem ao longo do tempo fica mais tempo para debates e não há tanto a limitação da apresentação.

A tradição timorense é mais uma tradição oral e a imposição da comunicação escrita é uma "violência" ocidental. Mas a escrita é importante para preservar coisas embora hoje em dia também já haja outros meios (por ex. vídeo).
A UP precisava de um critério para admitir as pessoas nas Jornadas porque isso envolvia custos, estadia, etc. Se fizermos as coisas em diferentes tardes, essas questões não se põem e não há problema.
Em Abril 95 haveria uma 2ª versão do curso dado por especialistas, e incluíndo conferências e apresentação de sínteses dos trabalhos apresentados nos meses precedentes.
Este é o esquema em que pensei mas sublinho que ainda não falei dele com qualquer um dos reitores ou com professores estrangeiros.

Noémia Coelho

Prolongar por tanto tempo as Jornadas não diminui o impacto e interesse das pessoas?
O facto de as personalidades virem em alturas diferentes não será menos rentável em termos da causa?

Luis Cardoso

Há universidades espanholas interessadas. Seria talvez possível alargar isso às universidades espanholas, por exemplo à de Compostela?
Quanto à unidade, ela nunca vai existir,isso faz parte do processo histórico, e o importante é sublinhar a causa.

Paula Pinto

Idéia da continuidade é excelente se as coisas forem bem organizadas e é necessário ter profissionais a agarrar as questões.
A questão da comunicação social vai ser fulcral. É importante agarrar pessoas no seio da comunicação social que "sintam" mas também "racionalizem" a questão de Timor.
Sugestão no sentido de criar nos orgãos de comunicação uma "coluna" /espaço onde se fosse dando informações sobre o que vai acontecendo.
Apoio à idéia de alargar as Jornadas a outras universidades e tentar tematizar um pouco as Jornadas. Podia-se por ex. redimensionar as reuniões feitas com parlamentares e dirigentes religiosos e dar-lhes outra dimensão e impacto. Essas reuniões foram importantes mas o impacto foi mínimo.
Alargar o âmbito das reuniões com estrangeiros.

Alargar os temas: curso deveria ser não só sobre história e política mas também sobre questões sociais (por ex. utilizar conhecimentos existentes na área da antropologia onde há pessoas que têm feito trabalhos).
Idéia de estender Jornadas no tempo parece-me boa. Em vez de ter a atenção toda concentrada numa semana, e, depois, nada, ter um "contínuo" com uma série de "picos".
Mas extensão temporal e também espacial (i.e. a outras universidades e cidades) implica ter uma equipa bem organizada, que eventualmente se desloque para esses eventos. Prof. Barbedo tem ideias sobre isso?
Em relação à continuidade e às expectativas criadas nos que apoiam a causa noutros países creio que foi pena não se ter produzido transcrições dos debates e traduções dos papers imediatamente após o fim das Jornadas, quando estávamos todos cansados mas ainda "quentes". Teria sido mais fácil de fazer nessa altura e evitava a sensação de que depois das Jornadas se criou um enorme vazio.

Helder Gonçalves

Há quase 2 anos 40 e tal países através das suas universidades, na sequência do Massacre de Santa Cruz, criaram laços no seu âmbito que ainda hoje se mantêem. Para se extravazar o impacto das Jornadas. Querer-se-ia criar uma espécie de Forum Universitário a Nível Mundial.

Rui Marques

No figurino proposto, trata-se de fazer as Jornadas perder a carga política e assumir isso como um curso. Não direi um curso que confira um grau mas ainda assim com dignidade de curso.
Proposta de conclusão das Jornadas por exemplo em Estrasburgo, com grupo seleccionado de portugueses e timorenses e com estrangeiros. Tratar-se-ia de organizar o evento em terreno adverso mas ainda assim terreno muito rentável. Seria um salto qualitativo importante. Também podia ser por ex. Bruxelas.
Os EUA têm mais para oferecer do que apenas os seus professores universitários. A vinda do Prof. Anderson mais uma vez não adiantará muito em termos mediáticos. Sonhando alto não sei se seria possível envolver a Presidência da República para convidar alguém da Administração norte-americana, por ex. o Vice-Presidente Al Gore que tem uma boa relação com Carlos Pimenta no âmbito da GLOBE.

Amilcar

Não se partidarizem as Jornadas mas também não se despartidarizem. Também me parece que os timorenses têm sido pressionados para se reconciliarem. As divergências existem e devem ser esclarecidas mas talvez não nas Jornadas.
A extensão das Jornadas a Estrasburgo parece-me um projecto demasiado ambicioso.
Parece-me boa idéia usar a rede universitária para catapultar a discussão.

Luísa Teotónio Pereira

Estou de acordo com o esquema, que me parece mais exigente em termos de organização, implicando um empenhamento prolongado com pontos fortes.
As Jornadas têm vindo a juntar objectivos e as últimas concentraram demasiadas coisas.
Esta proposta parece concentrar a temática na relação Indonésia-Timor Leste. Gostava que Prof. Barbedo confirmasse. Parece-me importante fazer opções e não concentrar tudo.
As coisas em relação a Timor estão a avançar e é natural que surjam opiniões divergentes quando os processos se adensam e podem estar iminentes rupturas.

A. Barbedo

Quanto ao apoio das fundações ele foi pouco mais do que zero. A experiência provou que se gastam muitos esforços para ter muito pouco.
Quanto aos políticos americanos: mais modestamente já convidámos os parlamentares mas eles nunca vieram.
Quanto aos jornalistas já veio um, não houve dinheiro para trazer a Amy Goodman. Para os políticos americanos Portugal é um "nico". (muito pequeno e quase insignificante)
Quanto à necessidade de optar referida pela Luísa: eu não teria qualquer dificuldade em optar pela relação Indonésia-Timor em todas as suas vertentes.

Há outros temas interessantes, por ex. direito internacional, mas há outros fora onde está mais bem entregue como a CDPM e a IPJET. Eu tenderia a deixar esses temas para outras instituições mais qualificadas e com provas dadas nesses campos. E só pegaria na questão do direito internacional para juntar os Parlamentarians for East Timor com parlamentares portugueses e eventualmente com indonésios para se ter uma idéia sobre a evolução da situação na Indonésia.
Quanto à questão de saber como vivem os timorenses em Portugal, há outras instituições que não a UP que podem tratar disso.
Mas conhecer a realidade da Indonésia é algo que nenhuma instituição está a fazer e nesse campo a acção da UP pode ser importante. Outras questões podem ser abordadas ou já são abordadas por outros.
Quanto à questão da organização, é também uma questão financeira. Mas pessoalmente devo confessar que não sou a favor de coisas muito organizadas.
Quanto ao envio de um boletim, acho que não deve ser a UP a fazer isso. O que deve é haver uma coordenação com organizações como CDPM e a Paz é Possível para não haver uma duplicação de serviços. É necessária uma economia de meios.

Luísa Teotónio Pereira

Já não estamos a publicar a versão inglesa do boletim porque estamos a enviar a informação por correio electrónico.

Joana Ruas

Proposta de Jornadas multidisciplinares. Se queremos abordar a identidade do povo timorense temos de juntar especialistas das várias áreas.

Paula Pinto

A realidade mudou desde as 1ªs Jornadas. As relações entre as pessoas e com as instituições modificaram-se.
Sugestão no sentido de se fazer uma reunião com as pessoas mais batidas para ver os pontos fortes de cada um e organizar e cobrir as várias áreas.

A. Barbedo

Relativamente à transcrição dos debates das últimas Jornadas, fiz um pedido à Assembleia da República porque eles têm um serviço especializado e pareceu-me justo que dessem algum apoio uma vez que finaceiramente não tinham ajudado nada. O pedido ainda se encontra em estudo. (Nota: - Posteriormente veio uma resposta negativa. Nem esse apoio a A.R. foi capaz (ou quiz) dar!...)
Agradece a contribuição de todos os presentes. Irá procurar falar com o Reitor da Universidade do Porto e informa posteriormente os interessados.
Agradece ainda a especial colaboração da Drª Graça Afonso e do Espaço por Timor pela total disponibilidade antes, durante e após às V Jornadas.